

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

VIA-SACRA DO POVÃO BRASILEIRO

A Diocese de Picos, interior do Piauí, cobre área maior que Israel e pouco menor que

Bélgica, com população mais numerosa que 7 países representados na Organização das Nações Unidas. Picos não fica na Bélgica nem em Israel, mas no Nordeste, e constitui parábola e retrato de nosso País. Comemorando o 10º aniversário de instalação,

Diocese de Picos encomendou ao IBASE Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas — (Rio) pesquisa detalhada sobre a realidade local dos 18 municípios que constituem a Diocese piauiense. Eis os dados da pesquisa (JB 4-1-87):

Quase metade da população adulta é analfabeta, só um quarto das casas tem energia elétrica, mais da metade das mulheres engravidam antes dos 20 anos, 54% das crianças com menos de 3 anos são desnutridas, 11% dos trabalhadores têm menos de 13 anos. A miséria da região começa a fazer das vítimas entre as crianças, que vivem a tragédia da desnutrição: gastam mais energia do que são capazes de produzir, como consequência da má alimentação. Mais grave ainda que o número de crianças desnutridas, o detalhamento deste quadro: 64% delas sofrem de desnutrição de 1º grau, caracterizada por uma perda de 10% a 25% de peso; 27% estão no 2º grau, em que a perda de peso chega até a 40%; e 9% correm sério perigo de vida, já no 3º grau, em que a perda é superior a 40%.

Nascer desnutrido, porém, está longe de ser a maior tragédia nesta região: 37% das mães tiveram um filho que nasceu morto. A situação é tão desesperadora que 15% tiveram 4 ou mais natimortos. As mulheres começam cedo a viver a dor dos filhos: aos 15 anos, 6% são mães; entre 15 e 21 anos, mais de 51% têm sua primeira criança. O quadro de saúde tem dois complicadores: a falta de saneamento básico e a baixa qualidade de alimentação. Apenas 2% dos doentes possuem fossa séptica e 17% contam com fossas rudimentares, o que pode ser considerado um luxo, quando se lembra que 90% não têm qualquer tipo de escoadouro. Segundo o padre Hermeto Mengarda, coordenador da pastoral de Picos, "a Igreja não pode adotar posição contemplativa, aceitando a omissão e cúmplice as injustiças sociais ge-

radas por um modelo econômico e político injusto e desumano. O trabalho da Diocese, com suas comunidades de base, é no sentido de formar a consciência do povo para lutar contra isso". Mas a luta da Diocese de Picos encontra seríssimas resistências. O bispo Dom Augusto Alves da Rocha identifica, entre as forças que se opõem ao seu trabalho evangélico, o poder político como principal delas. Nem os sindicatos de classe estão livres, na medida em que são dominados pelos agentes do poder político.

Na concepção de João Manuel Albano, secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, as comunidades de base viram "coisas de comunistas". João Manuel é conhecido como "pelego". A oposição sindical perde todas as eleições porque "os patrões impedem a sindicalização de todos, só deixam aqueles controlados". A educação pouco tem contribuído para mudar a situação. Conforme Dom Augusto, "a educação que se oferece ao povo é alienante e concentradora. Os professores, por culpa do sistema, não têm qualificação e não há interesse em prepará-los. Transformam-se, portanto, em meros empregados, num filtro ideológico do sistema dominante, quando deveriam ser líderes comprometidos com as transformações da sociedade".

Conclusãozinha brasileira deste retrato do Brasil: Irmã Analice é enfermeira, na Diocese de Picos. Ordinariamente, deveria fazer apenas medicina preventiva. Mas, como há carência de médicos, viu-se transformada em "pau-para-toda-obra", no ramo profissional que abraçou. Com as mãos, já arrancou placentas ou as transformou em fórceps para extrair fetos de mulheres que não puderam dar à luz por absoluta desnutrição. Irmã Analice conta que foi chamada para atender uma mulher grávida com hemorragia. Constatou que o caso era grave e conseguiu transporte para o hospital de Picos. Houve o aborto, mas a parturiente morreu à falta de uma transfusão de sangue. O sangue que existia no hospital estava embargado por medida de segurança porque, na mesma data, o ex-presidente Figueiredo inaugurava, com muita festa, a agência local do Banco do Nordeste. E podia acontecer algum ato de terrorismo! (F.L.T.)

IMAGEM PROFANADA

1. Não está certo. Sei disto. Na minha Pátria não se dá o que acontece no Brasil. Aqui nas serrarias, também na minha, um grande número de operários são crianças de quinze anos pra baixo. Trabalham sem a menor segurança, como aliás os adultos também. Não está certo, sei. Mas o que vou fazer, se o Governo brasileiro não dá importância ao menor nem às leis de segurança no trabalho? Não sou mais realista que o rei. O próprio Governo não se importa com a segurança de seus empregados. Por que eu?

2. Nas plantações de chá o mesmo espetáculo desolador. Por um salário irrisório centenas de pessoas, muitas crianças, muitas criancinhas de quatro e cinco anos, colhendo folhas de chá, para enriquecer espertos empresários. Seu Tanaka não é mau. Trouxe do Japão seriedade, amor ao trabalho, economia. Tudo isso aplica na fazenda de chá. Por isto mesmo não se move com a miséria dos trabalhadores e com a exploração de criancinhas. Sim, diz, sei que tudo está errado. Mas serei a palmatória do mundo?

3. Ninguém cede, ninguém sente. E as consequências são as centenas de crianças mutiladas, sem dedos, sem mão, ganhando uns trocados de nem vida nem morte. E nas lucrativas plantações de chá, milhares de peões, muitas crianças, envenenados no contacto de agrotóxicos. Meninos de 12-15 anos vergados ao peso de fardos desumanos. Criancinhas de 4 e 5 anos envenenados nas fontes da vida. Ninguém é responsável? Ninguém. Não damos emprego? Tá ruim? Mas não será pior morrerem de fome, sem trabalho? (A.H.)

LINHAS PASTORAIS

EM NOME DE JESUS

A Campanha da Fraternidade de 1987 tem novamente um tema social — a criança abandonada —, que deve preocupar Governo e Povo e no Povo todas as classes sociais.

Mas o enfoque na consideração do problema da criança abandonada é, como sempre, religioso e bíblico. A Campanha da Fraternidade de 1987 parte da Palavra de Jesus: quem receber uma criança como esta em meu nome, a mim é que recebe" (Mt 18,5).

O aspecto cristão, o enfoque cristão do problema do menor abandonado está na parábola que Jesus diz: "em meu nome".

"Em meu nome" ou "em nome de..." aparece muitas vezes na Bíblia Sagrada, também nos livros do Novo Testamento.

• "Não possuo ouro nem prata (diz Pedro ao coxo). Mas o que tenho, isto te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda" (Atos 3,6). "Em tudo o que vocês fizerem, por palavra ou por ação, seja sempre em nome de Jesus, o Senhor, dando por ele graças a Deus Pai" (Cl 3,17).

• "Fazer alguma coisa em nome de Jesus" quer dizer: agir por ordem de Jesus, por autoridade de Jesus, a exemplo de Jesus, em lugar de Jesus.

• Para nós cristãos o problema do menor abandonado é certamente um problema social, humano, político. Mas é sobretudo um problema religioso no sentido da caridade para com o próximo e mais ainda no sentido de que a criança em geral e a criança

abandonada em particular mereceram de Jesus uma atenção muito especial.

• Em Mt 25,40 (e 45) Jesus identifica-se com o pobre, o pequeno, o humilde: "O que vocês fizeram a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizeram". Em Mt 18,5 Jesus identifica-se com a criança: "Quem receber uma criança como esta em meu nome, a mim é que recebe".

• De nossa identificação com Jesus Cristo vai depender em grande parte a nossa preocupação com o menor abandonado. Não nos bastam os argumentos sociais, sociológicos, políticos. A esses argumentos juntam-se com mais profundidade — esperemos que com mais dinamismo — os argumentos da Fé, de modo especial a identificação de Jesus com a criança. (A.H.)

DOMINGO DE RAMOS E DA PAIXÃO (12-04-1987)

A = Animador; C = Comentador; L = Leitor; MC = Ministro da Comunhão; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista;
* = indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: Missa "QUEM ACOLHE O MENOR, A MIM ACOLHE", CF-87; CNBB.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA



No seu Reino Jesus deixa entrar,
quem o pobre, o Menor libertar:
/ "QUEM ACOLHE O MENOR,
com amor, ME ACOLHE", nos diz o Senhor.

1. No deserto Jesus passa fome — o deserto
água e vida não tem — / Se há menores
sem pão e sem nome / é que somos de-
serto, também.

2. Lá no monte, no rosto divino, nossa face
é que brilha e reluz. / Mas no rosto de
tanto menino, onde está, meu Senhor, tua
luz?

3. Teve sede Jesus junto ao poço... Eis a
imagem tocante, mas dura / dos menores
que são pele-e-osso, bem ao lado de nossa
fartura!

4. Na piscina do Grande Esperado, Cristo
faz mais um cego enxergar. Assim eu, por
Jesus batizado, veja irmão na criança sem
lar!

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito
Santo. **P. Amém!**

S. Irmãos, a graça, a bondade e a miseri-
córdia de Deus, que é Pai; o amor, a sal-
vação e a libertação que vem de Cristo, que
é Deus-Irmão, e a comunhão e santificação,
que é Deus Espírito Santo, estejam convosco.
**P. Louvado seja Deus, que em Cristo nos
libertou / e que no Espírito Santo nos
reuniu!**

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. Nossas cruzes são pesadas demais. Por
elas passam a fome, o desemprego, os con-
stantes aumentos de preços, o baixo salário,
a violência, os assaltos e mortes. Muitas
vezes chegamos ao quase desespero. Mas, eis
que neste Domingo de Ramos, renascem as
esperanças. Jesus vai estabelecer a nova so-
ciedade, o Reino de Deus. Nós com Ele,
gritando "Hosana!" "Bendito e que vem em
nome do Senhor!" Sim, Jesus vem! Vem
para revolucionar o coração do homem e
do mundo.

4 BÊNÇÃO DOS RAMOS

(o povo ergue os ramos)

S. Oremos: Deus eterno e todo-poderoso,
abençoi estes ramos. Seguindo com alegria
o Cristo, — nosso Rei —, cheguemos por
Ele à eterna Jerusalém. Por nosso Senhor
Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Es-
pírito Santo. **P. Amém!**

5 EVANGELHO

C. Os que querem manter o povo de boca
fechada já não podem conter o grito de
liberdade dos que aclamam: "Bendito o que
vem em nome do Senhor!"

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus
(21,1-11). **P. Glória a vós, Senhor!**

S. Naquele tempo, Jesus e seus dis-
cípulos se aproximaram de Jerusalém,
e chegaram ao povoado de Betfagé, no
monte das Oliveiras. Então, Jesus en-

viou dois discípulos, dizendo-lhes: "Vão
até o povoado, que está ali na frente,
e logo encontrarão uma jumenta ama-
rada, e com ela um jumentinho. De-
samarrem-na e tragam os dois a mim!
Se alguém lhes falar alguma coisa, di-
gam: 'O Senhor precisa deles, mas logo
os devolverá'. Isso aconteceu para se
cumprir o que o profeta havia dito:
'Digam à filha de Sião: Eis que o teu
rei está chegando, manso e montado
num jumento, num jumentinho, filho
de uma jumenta'. Então os discípulos
foram e fizeram o que Jesus havia man-
dado. Trouxeram a jumenta e o ju-
mentinho e puseram sobre eles seus
mantos. E Jesus montou. A numerosa
multidão estendeu seus mantos pelo
caminho, enquanto outros cortavam
ramos das árvores, e os espalhava pelo
caminho. As multidões que iam na
frente de Jesus e os que o seguiam,
gritavam: "Hosana ao Filho de Davi!
Bendito o que vem em nome do Se-
nhor! Hosana no mais alto do céu!"
Quando Jesus entrou em Jerusalém a
cidade inteira se agitou, e diziam:
"Quem é este homem?" E as multi-
dões respondiam: "Este é o profeta
Jesus, de Nazaré da Galiléia!" — Pa-
lavra da Salvação. — **P. Louvor a vós,
ó Cristo!**

6 PROCISSÃO

S. Começamos, irmãos, com alegria, a nossa
procissão. Ela é sinal de nossa peregrinação
diária, na conquista do Reino de Deus.
(O Povo entoia cantos a Cristo Rei).

S. (no fim da Procissão): Irmãos, a entrada
de Cristo em Jerusalém é uma pequena amo-
stra da libertação que está para chegar. Com
Ele devemos carregar a cruz, para poder res-
suscitar. Contritos, rezemos:

7 COLETA

S. Oremos: Deus eterno e todo-poderoso,
destes aos homens um exemplo de humil-
dade, fazendo com que o nosso Salvador se
tornasse homem e morresse na cruz. Con-
cedei-nos aprender o ensinamento da sua
Paixão e, ressuscitar com Ele em sua glória.
Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,
na unidade do Espírito Santo. **P. Amém!**

LITURGIA DA PALAVRA

8 PRIMEIRA LEITURA



C. Custe o que custar, o profeta
se entrega, — sem ódio e sem má-
goa —, aos sofrimentos que a luta
pela libertação do povo lhe traz.

L. Leitura do profeta Isaías (50,4-7).
— O SENHOR Deus me ensinou a
falar como alguém que aprende dele,
para que eu saiba dar uma palavra de
conforto à pessoa abatida. Cada ma-
nhã ele desperta o meu ouvido para
prestar atenção como faz um aluno.

O SENHOR Deus abriu meu ou-
vido e não fiquei rebelde nem voltei a
Apresentei minhas costas aos que
batiam, e meu rosto aos que me
rancavam a barba. Não escondi o
rosto diante das injúrias e cuspi-
das. O SENHOR Deus me presta soco-
ro por isso não me deixei vencer
pelas injúrias; por isso conservei o
coração insensível como pedra que rola,
e não vou ficar des-
nho certeza que não vou ficar de-
cionado. — Palavra do Senhor.
P. Graças a Deus!

9 CANTO DE MEDITAÇÃO

(Sl 21)

C. Na luta pela libertação do Menor
seguido e humilhado, o Senhor é nosso
líder e o nosso socorro. Com alegria e fe-
licidade temos:

"Quem acolhe o Menor e ao bem con-
duz", diz Jesus.

Sl. 1. Riem de mim todos aqueles que
vêm, / torcem os lábios e sacodem
a cabeça: // "Ao Senhor se confiou, ele o
salvou / e agora o salve, se é verdade que
ama!"

2. Cães numerosos me rodeiam furiosos
e por um bando de malvados fui ca-
çado. // Transpassaram minhas mãos e os
pés / e eu posso contar todos os
ossos.

3. Eles repartem entre si as minhas
carne e os ossos / e sorteiam entre eles minha túnica.
Vós, porém, ó meu Senhor, não fique-
is indiferentes, / ó minha força, vinde logo em
meu socorro!

4. Anunciarei o vosso nome a meus
inimigos / e no meio da assembléia hei de
cantar a vós! // Vós que temeis ao Senhor,
dai-lhe louvores, / glorificai-o, descendentes
de Jacó!

10 SEGUNDA LEITURA

C. Cristo obedeceu à vontade do Pai
faz fiel aos apelos do povo. Tornou-se
merecedor da ressurreição. Nossa obedi-
ência ao Pai e o nosso compromisso com
os pobres e o povo, nos farão apressar a
vinda do Reino.

L. Leitura da carta de São Paulo
aos Filipenses (2,6-11). —
Irmãos: Cristo Jesus era de con-
dição divina e tinha todo o direito de
servar essa condição. Mas, ele se
vazio, aceitando a condição de
homem, fazendo-se igual aos homens.
Sentando-se como simples homem
se rebaixou e foi obediente até à
morte, e morte de cruz! Por isso
lhe deu a mais alta honra, e o es-
tado com o Nome que está acima de
tudo e qualquer outro nome. Assim
do nome de Jesus todos os joelhos
dobrem no céu, na terra e abaixo
da terra. E toda língua proclame,
a glória de Deus Pai: Jesus é o Sa-
lvo. — Palavra do Senhor. — **P. Graças
a Deus!**

11 CANTO DE ACLAMAÇÃO



Aclamemos, com fé, o Senhor, que nos diz, no Evangelho, co' amor: / "Quem acolhe o Menor, meu irmão, me acolhe e terá salvação!"

Sl. 1. *Jesus Cristo se humilhou e se fez obediente; / obediente até à morte, e morte de cruz.*

2. *Por isso Deus o exaltou sobremaneira em sua glória / e deu-lhe o nome mais sublime, muito acima de outro nome.*

12 EVANGELHO

(Mt 27,11-54)

C. *Cristo foi arrastado aos tribunais, não porque cometeu crimes, mas porque foi fiel à vontade do Pai e aos clamores de seu povo. Assim também acontece com muitos cristãos.*

(J = Jesus; L = Leitor; M = Mulher; N = Narrador; P = Povo).

N. Jesus foi posto diante de Pôncio Pilatos, e este o interrogou: L1. "Tu és o rei dos judeus?" N. Jesus declarou: J. É como dizes" N. E nada respondeu quando foi acusado pelos sumos sacerdotes e anciãos. Então Pilatos perguntou: L1. "Não estás ouvindo de quanta coisa eles te acusam?" N. Mas Jesus não respondeu uma só palavra, e o governador ficou vivamente impressionado. Na festa de Páscoa o governador costumava soltar o prisioneiro que a multidão quisesse. Naquela ocasião tinham um prisioneiro famoso, chamado Barrabás. Então Pilatos perguntou à multidão reunida: L1. "Quem vocês querem que eu solte: Barrabás, ou Jesus, que chamam de Messias?" N. Pilatos bem sabia que eles haviam entregado Jesus por inveja. Enquanto Pilatos estava sentado no tribunal, sua mulher mandou dizer a ele. M. "Não se envolva com esse justo! Porque essa noite, em sonho, sofri muito por causa dele". N. Porém os sumos sacerdotes e os anciãos convenceram as multidões para que pedissem Barrabás e que fizessem Jesus morrer. O governador tornou a perguntar: L1. "Qual dos dois vocês querem que eu solte?" P. BARRABÁS! L1. "Que farei com Jesus, que chamam de Messias?" P. "SEJA CRUCIFICADO!" N. Pilatos falou: L1. "Mas, que mal ele fez?" N. A multidão, porém, gritou com mais força: P. "SEJA CRUCIFICADO!" N. Pilatos viu que nada conseguia e que poderia haver uma revolta. Então mandou trazer água, lavou as mãos diante da multidão, e disse: L1. "Eu não sou responsável pelo sangue deste homem. É um problema de vocês". N. O povo todo respondeu: P. "QUE O SANGUE DELE CAIA SOBRE NÓS E SOBRE OS NOSSOS FILHOS!" N. Então Pilatos soltou Barrabás, mandou flagelar Jesus e o entregou para ser crucificado. Em seguida os soldados de Pilatos levaram Jesus ao Palácio do governador, e reuniram toda a tropa em volta dele.

Tiraram sua roupa e o vestiram com um manto vermelho. Depois teceram uma coroa de espinhos, puseram a coroa em sua cabeça, e uma vara em sua mão direita. Então se ajoelharam diante de Jesus e zombaram, dizendo: L3. "Salve, rei dos judeus!" N. Cuspiram nele e, pegando aquela vara, bateram na sua cabeça. Depois de zombar dele tiraram-lhe o manto vermelho, e de novo o vestiram com suas próprias roupas; daí o levaram para crucificar. Quando saíram, encontraram um homem chamado Simão, da cidade de Cirene, e o obrigaram a carregar a cruz de Jesus. E chegaram a um lugar chamado Gólgota, que quer dizer "Calvário". Ali deram vinho misturado com fel para Jesus beber. Ele provou mas não quis beber. Depois de o crucificarem fizeram um sorteio, repartindo entre si as roupas dele. E ficaram ali sentados, montando guarda. Acima da cabeça de Jesus puseram o motivo da sua condenação: L3. "Este é Jesus, o Rei dos Judeus". Com ele também foram crucificados dois ladrões, um à direita e outro à esquerda de Jesus. As pessoas que passavam por ali o insultaram, balançando a cabeça e dizendo: L3. "Você que ia destruir o Templo e construí-lo de novo em três dias, salve-se a si mesmo! Se é o Filho de Deus, desça da cruz!" N. Do mesmo modo, os sumos sacerdotes, junto com os doutores da Lei e os anciãos, também zombavam de Jesus: L4. "A outros salvou... a si mesmo não pode salvar! É rei de Israel... Desça agora da cruz e acreditaremos nele. Confiou em Deus; que o livre agora, se é que o ama! Já que ele disse: Eu sou o Filho de Deus!" N. Do mesmo modo, também os dois bandidos que foram crucificados com Jesus, o insultaram. Desde o meio-dia até às três da tarde houve escuridão sobre toda a terra. Pelas três horas da tarde Jesus deu um forte grito: J. "Eli, Eli, lamá sabactâni? — Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" N. Alguns dos que ali estavam, ouvindo-o disseram: L4. "Ele está chamando Elias!" N. E logo um deles, correndo, pegou uma esponja, ensopou-a em vinagre, colocou-a na ponta de uma vara, e lhe deu para beber. Outros, porém, disseram: L3. "Deixe, vamos ver se Elias vem salvá-lo!" N. Então Jesus deu outra vez um forte grito e entregou o espírito. E eis que a cortina do santuário rasgou-se de alto a baixo, em duas partes, a terra tremeu e as pedras se partiram. Os túmulos se abriram e muitos santos falecidos ressuscitaram! Saindo dos túmulos depois da ressurreição de Jesus, apareceram na Cidade Santa e foram vistos por muitas pessoas. O oficial e os soldados, que estavam com ele guardan-

do Jesus, ao notarem o terremoto e tudo que havia, ficaram com muito medo e disseram: L3. "Ele era mesmo Filho de Deus!"

13 PREGAÇÃO — PARTILHA

14 PROFISSÃO DE FÉ



S. Creio em Deus Pai todo-poderoso.
P. Criador do céu e da terra...

15 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. A possibilidade da calúnia, da perseguição e do martírio está presente naqueles que se unem para assumir uma caminhada comprometida com a causa do Menor. Rezemos ao Senhor, pedindo que Ele não nos deixe fugir dos desafios e do testemunho de Cristo, ante as realidades sociais que aparecem.

L1. *Que a Igreja, — diante das violentas perseguições e difamações —, reforce, ainda mais, o seu testemunho profético, rezemos:*

P. **Senhor, vinde em nosso auxílio!**

L2. *Que, neste mundo marcado pelo desrespeito à vida e ao Menor, nos unamos com coragem, sabedoria e ação, na defesa de nossos irmãozinhos menores abandonados, rezemos:*

(*Outras intenções da Comunidade...*).

S. Deus nosso Pai, nós vos pedimos: dai-nos força, coragem e alegria. Possamos acolher o Menor, nosso irmão, que quer ser presença em vossa luz, ser vida em vosso amor e acolhida em vosso povo. Por Cristo nosso Senhor. P. **Amém!**

LITURGIA EUCARÍSTICA

16 CANTO DAS OFERTAS



1. *Bendito sejas, Deus Clemente, pelos dons deste vinho e do pão, / representam esforço da gente, e vão ser para nós redenção.*

Transformai nossa oferta, Senhor, no alimento que dá salvação: / que nos faça, no amor, libertar os menores que vivem sem pão!

2. *A mão do menor estendida a pedir um pedaço de pão, / é constante e real desafio, para quem se confessa cristão.*

17 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Ó Deus, pela Paixão de nosso Senhor Jesus Cristo, sejamos reconciliados convosco. Ajudados pela vossa misericórdia, alcancemos o perdão de nossos pecados. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. **Amém!**

18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

19 CANTO DA COMUNHÃO

20 AÇÃO DE GRAÇAS

RITO FINAL

* 21 MENSAGEM PARA A VIDA

22 BÊNÇÃO FINAL

23 CANTO DE SAÍDA

O FILHO ETERNO DO PAI ETERNO NO ESPÍRITO SANTO

Frei Leonardo Boff

Quem é o Filho eterno nele mesmo? A fé nos diz que é o Unigênito do Pai, da mesma substância do Pai. Não é criado, mas “gerado sem início e sem princípio”; “subsiste no Pai desde toda a eternidade e para toda a eternidade”. Permanece para nós na penumbra do mistério a maneira pela qual o Pai dá origem ao Filho sem com isso ser anterior a Ele, pois Pai e Filho são co-iguais e igualmente eternos. O que podemos dizer com certeza é que Pai e Filho vivem na mesma natureza-comunhão. São distintos para poderem se entregar mutuamente e viverem uma união eterna. São João diz que o Filho é a Palavra. Ele expressa toda a realidade do Pai. Paulo afirma que Ele é “a imagem do Deus (Pai) invisível” (Cl 1,15). Toda a misteriosidade divina se comunica e se extrojeta no Filho. Ele é a Inteligência do mistério compartilhado pelas três divinas Pessoas. Por isso o Filho é por excelência a

revelação e a comunicação divina, tanto dentro da Trindade quanto dentro da criação. Tudo o que o Pai tem, dá ao Filho. Menos apenas o fato de o Pai ser Pai. O Filho recebe também do Pai a capacidade de espirar o Espírito Santo. Pai e Filho juntos permitem a emersão do Espírito Santo. Quando usamos estas expressões “geração”, “espiração”, “dar origem”, “permite a emersão” devemos confessar imediatamente nossa insuficiência; não são palavras adequadas, pois dão a impressão de sucessão e de causalidade, quando tudo se passa na dimensão da eternidade, onde não há começo nem fim. Por isso, importa acentuarmos a simultaneidade dos divinos Três: Eles coexistem e estão em comunhão entre si eternamente. Neles subsiste sempre a pericórese, vale dizer, a interpenetração de vida, de doação e de amor. Então diríamos: o Filho ao ser “gerado” pelo Pai recebe simultaneamente o Espírito

Santo que pousa sobre Ele e se une sempre a Ele. Em razão disso Filho e Espírito Santo vêm juntos para a criação, a fim de levar à plenitude e libertá-la integralmente. Junto com o Espírito Santo, o Pai se relaciona e se revela ao Filho. O Filho junto com o Espírito Santo descobrem a inascibilidade do Pai e participam dela porque estão sempre unidos.

O Filho está encarnado dentro de nossa história. Com isso confere um caráter de filiação e de filha a todas as criaturas, principalmente as humanas. De certa forma, aquilo que o Filho ressuscitado está de volta dentro da Trindade, algo de nossa natureza eternizado e definitivamente participante da vida de comunhão e de amor eternos. Ele é Filho do Pai unido ao Espírito, somos filhos e filhas no Filho e todos irmãos e irmãs na força do mesmo Espírito.

EM TORNO DA LITURGIA

JESUS CRISTO, A PÁSCOA VERDADEIRA

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

A páscoa vivida pelo povo de Israel já era uma realidade, enquanto ação libertadora e de aliança de Deus em favor do povo eleito. Mas era, ao mesmo tempo, uma prefiguração ou profecia do que havia de acontecer na plenitude dos tempos. Em Jesus Cristo dar-se-ia a verdadeira páscoa, a grande passagem de Deus por este mundo em forma humana. No Filho de Deus feito homem Deus e o homem se encontram, convivem, tornam-se uma só pessoa. No mistério da Encarnação Deus arma sua tenda entre os homens: “O Verbo se fez homem e habitou entre nós” (Jo 1,14).

Páscoa é toda a vida histórica de Jesus Cristo: sua encarnação, manifestação, vida pública, sua Paixão-Morte, sepultura, ressurreição e Ascensão aos céus. Jesus Cristo deixou

o Pai e veio a este mundo. E novamente deixa o mundo e volta para o Pai (cf. Jo 16,28). Realiza-se assim a páscoa verdadeira. São Paulo afirma: Cristo, nossa páscoa, foi imolado (cf. 1Cor 5,7).

Em Jesus Cristo, a páscoa verdadeira, realiza-se a libertação do homem e a nova e eterna aliança com a humanidade no seu sangue. Por isso, podemos ver que os Evangelhos ligam a morte redentora de Cristo à Páscoa dos judeus. São João chega a afirmar que na hora em que eram imolados os cordeiros no templo em preparação da páscoa dos judeus, Jesus foi entregue por Pilatos para ser crucificado (cf. Jo 19,13-16). Jesus era visto como a verdadeira páscoa. João Batista já o havia anunciado desta forma: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29).

A páscoa de Jesus Cristo, como a dos deuses, passa também pela angústia e pela morte. No Monte das Oliveiras Jesus volta ao Pai: “Pai, se é possível afasta de mim este cálice sem que eu o beba, mas não faça a minha e sim a tua vontade” (Lc 1,42). A angústia torna-se mais intensa ainda no alto da cruz, quando ele exclama: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27,46). Mas percebendo em Deus o Pai, encomenda a ele a sua vida: “Pai, tuas mãos entregam o meu espírito” (Lc 23,46). E diz São João que Deus o exalta na morte.

Páscoa é passagem da morte para a vida, obra de Deus, que é a própria vida, que é amor. Isso também se deu em Jesus Cristo, modelo de toda comunhão com Deus.

HONRAR PAI E MÃE PARA SER LIVRE

Carlos Mesters

O quarto mandamento inclui uma promessa para aquele que o observa. Ele diz: “Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem teus dias na terra que Javé, teu Deus, te dá” (Ex 20,12). Qual é o sentido deste mandamento? O texto da Bíblia é claro: todos somos obrigados a honrar pai e mãe! Mas em que sentido este respeito pelos pais da gente pode contribuir para prolongar a permanência do povo na terra que ele vai conquistar? Os egípcios também diziam aos filhos: “Honra teu pai e tua mãe!”

Quando hoje dizemos: “Honra teu pai e tua mãe”, pensamos nas famílias em que nascemos. Famílias relativamente pequenas: pai, mãe e filhos. Cada uma delas vive a sua vida, independente da outra. Na Bíblia, porém, a família era mais ampla. Era o que hoje chamamos a “grande família patriarcal”. Era um conjunto de várias famílias que moravam no mesmo lugar e que eram unidas entre si por laços de parentesco. A “família” daquele tempo correspondia ao nosso povoado. Dentro da sociedade, ela exercia a função que hoje está começando a ser exercida pelas comunidades. Assim, “honrar pai e mãe” era respeitar os pais da gente e também respeitar os “pais” da comunidade. O quarto man-

damento defende a família e a comunidade. De que maneira a observância deste mandamento prolongava a vida e a permanência do povo na terra? Como ele respondia ao clamor do povo? Qual a causa da opressão que por ele era combatida? Aqui atingimos um dos pontos mais importantes dos dez mandamentos. No Egito e na Palestina, tudo estava organizado debaixo do poder centralizador do faraó e dos reis de Canaã. O faraó e os reis impunham ao povo seus feitores ou capatazes, “inspetores de obras” (Ex 1,11). Era uma organização não-igualitária, feita de cima para baixo. O único poder ou autoridade reconhecida era a do faraó e dos reis. A autoridade dos outros vinha do faraó. Vinha de cima, não vinha do povo.

Ora, no povo que se libertou da escravidão do faraó, esta situação não podia voltar nunca mais (Dt 17,16). Para que este povo pudesse sobreviver como povo livre e prolongar os seus dias como povo livre naquela terra, sua organização tinha que ser outra, radicalmente diferente. Por isso, na nova organização, a autoridade básica já não vinha de cima, mas vinha de baixo. Vinha das comunidades, das unidades menores da organização social. Era a partir desta base que a autoridade subia para os níveis mais altos.

Cada família tinha o seu chefe, seu “pai”. Várias famílias se reuniam em clã. Cada clã tinha o seu chefe, seu “mais velho” ou “pai”. Vários clãs se reuniam em tribo. Cada tribo tinha o seu chefe, seu “príncipe”, como eles diziam.

Regularmente, os representantes dos clãs das tribos faziam suas assembleias, para discutir e decidir os rumos e a organização do povo. O livro de Josué traz o relato de uma destas assembleias (Js 24,1-2). Este novo sistema começou a ser introduzido depois da saída do Egito. Obedecendo a uma sugestão do seu sogro, Moisés centralizou o poder (Ex 18,17-26). A base deste novo sistema é o respeito pela autoridade dos “pais”, é o respeito pela família, pela comunidade. Em canto nenhum dos mandamentos, se pede que o rei ou o chefe do povo sejam honrados. Mas se pede: “Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem teus dias na terra que Javé, teu Deus, te dá” (Ex 20,12). Quando, mais tarde, eles reintroduziram o sistema dos reis para poder enfrentar a ameaça dos filisteus, fizeram questão de exigir que o rei se portasse como “irmão” e não se levantasse “orgulhosamente acima dos seus irmãos” (1Rs 17,15-20).